# MARTIM SOARES MORENO

## O FUNDADOR DO CEARÁ

MARTIM Soares Moreno é o vulto culminante da primitiva historia do Ceará; tudo que lhe diz respeito reveste-se de capital interesse, porque, mais afortunado que Pero Coelho e os missionarios Pinto e Figueira, é elle o fundador do Ceará, e por longos annos o nascente estabelecimento viveu e prosperou debaixo de sua direcção intelligente e vigorosa.

Companheiro dos que ousaram, avidos de lucros e de gloria, de lucros principalmente, penetrar primeiro nas nossas terras inda virgens, Martim Soares deu á empreza em que foi parte tamanha largueza de vistas, apezar dos poucos annos, taes tenacidade nos soffrimentos e impavidez nos perigos, que moveram em seu favor as recommendações de Diogo de Campos e a protecção de homens como Diogo de Menezes e Gaspar de Sousa; de outro lado, a sciencia da lingua dos indigenas, as

sympathias que se creou entre esses habitantes das florestas, nomeadamente do principal Jacaúna que o chamava de filho, porque seu procedimento contrastava com os dos Pero Coelho e Soromenho, uns réos de lesa humanidade no tribunal da consciencia dos povos, sua adaptação aos usos e costumes dos selvicolas que o levava até a pintar-se como elles com as tintas do urucú e genipapo e a alimentar-se como elles, tudo empresta a Martim Soares as proporções da principal figura entre os nossos colonisadores da primeira leva.

Demais, factos mui importantes de sua vida não se circumscreveram ao estreito ambito da nossa Capitania.

Seus serviços á civilisação e ao renome Portuguez não se limitaram a ter sido o edificador do presidio do Ceará e seu commandante por longos annos.

Explorador do Maranhão no intuito de facilitar a expulsão de extrangeiros que alli se haviam estabelecido com grande poderio, elle empregou na empreza os mais subtis ardis e só descançou quando conseguiu os necessarios esclarecimentos para que se podesse levar a bom caminho a jornada, cujo epilogo foi o Tratado de 27 de Novembro de 1614 e a subsequente retirada da gente de La Ravardiere e Rasilly; soldado resoluto e experimentado, realisou com a espada e preparou com os conselhos muitos dos feitos de armas que, apezar de El Rey, arrancaram Pernambuco e outras capitanias ás garras da Hollanda depois de um lucta, que é o mais bello trecho que conheço da historia Brasileira; ora vemol-o errante pelos mares, ludibrio das tempestades e das correntes, que o conduzem a contragosto ás Indias de Castella, ora prisioneiro em França após pugna renhida em que o numero sobrepuja ao valor e os vencidos são condusidos á prisão; aqui ás voltas com corsarios Francezes, que por inversão dos destinos são agora os repellidos e os desbaratados, ali com colonos Hollandezes, alem a concertar, a satisfazer as primeiras necessidades da povoação que vae fundar, requisitando com minu-

dencia paramentos para a Egreja, soldos para os presidiarios, munições para o forte, mas em toda a parte e em todo tempo revelando-se soldado astuto e esforçado e explorador atilado e intelligente.

Dezesete annos de bons serviços dá a Martim Soares a Carta de 26 de Maio de 1619, que lhe fez mercê da Capitania do Ceará por tempo de 10 annos, e esses bons serviços se prolongaram e se estenderam até 1648, quando, no posto de Mestre de Campo, trocou elle o peso e as agruras da vida militar pelo descanço na sua terra da Europa, sendo então substituido por Nicolau Aranha Pacheco. Militou, portanto, no Brasil por 46 annos.

Digo na *sua terra da Europa* porque o reputo portuguez, não acceitando a filiação pernambucana, que lhe dão Fernandes Gama, Capistrano d'Abreu e Luna Freire.

Si alguma duvida eu tivera a respeito, essa se dissiparia diante da affirmação que elle proprio fez de ter vindo para o Brasil como soldado em companhia do governador Diogo Botelho, cujo governo teve começo em Maio de 1602.

Portuguez era elle, brasileiro poderia sel-o, mouro isso é que nunca, não obstante Eugenio Guenin fal-o tal, e, o que mais é, tomando parte na batalha de Marignan e sendo preso pelos Francezes em 1520!

Com quem, em que occasião e em que edade começou a salientar-se no serviço a seu paiz?

O historiador mais antigo que trata de Martim Soares é Diogo de Campos Moreno, seu tio; a esse segue-se frei Vicente do Salvador, autor da *Historia do Brazil* (1627), que tambem o conheceu pessoalmente. Sobre cousas do Ceará do seu tempo é o que ha de mais antigo.

Em um e outro auctores a primeira vez que elle figura é na expedição de Pero Coelho á Serra da Ibiapaba. Realisada esta, como foi em 1603, devem-se-lhe contar até a data da Carta Regia, que lhe doou o Ceará,

não 17, mas tão somente 16 annos de serviço. Aliás a Carta Regia de 26 de Maio dizendo 17 annos diz acertado si os contarmos desde sua partida do Reino.

A guerra sedusiu-o bem creança ainda, *de pouca idade*, elle o confessa, e explicitamente se lê na *Jornada do Maranhão*: «Tinha o dito Diogo de Campos (é o proprio auctor da *Jornada do Maranhão)* um parente seu, o qual de *mui pequeno* havia mandado com Pero Coelho de Souza, para que servindo naquella entrada aprendesse a lingua dos Indios e seus costumes, dando-se com elles e fazendo-se seu mui familiar».

«*Mui pequeno* é vago, diz Capistrano d'Abreu no trabalho *As Primeiras Armadas vindas ao Brasil;* mas si attendermos, de um lado, a que mandando-o ao Ceará o que seu tio queria era que elle «servindo n'aquella entrada aprendesse a lingua dos Indios e seus costumes, dando-se com elles e fazendo-se mui seu familiar e parente ou compadre»; si attendermos de outro lado a que Varnhagen (pag. 404 da 2.ª edic.) assegura que Martim era um dos cabos dos soldados que tomaram parte na expedição, o *mui pequeno* não pode significar menos de 17 a 18 annos. Assim elle podia ter nascido em 1586.»

Dezesete annos contava tambem João Fernandes Vieira e, si não foi nessa edade chefe de bandeira ou capitão de batedores como no seu excesso de conceitos encomiasticos quizeram fazer delle panegyristas a outrance, foi soldado valoroso contra os batavos invasores de Pernambuco.

Si ao tempo da expedição á Ibiapaba era tão joven, mui pequeno, como diz o tio, de 17 ou 18 annos como justamente suppõe Capistrano d'Abreu, não podia elle conluiar-se com um homem da edade e da importancia social do cunhado de Fructuoso Barbosa e levar á empreza commum elementos seus tão consideraveis que merecesse ao Padre José de Moraes o que se lê no cap. III da sua *Historia da Companhia de Jesus.* Até o titulo do cap. diz: *Pero Coelho de Souza e Martim Soares Moreno tentão por terra o descobrimento do Ma-*

*ranhão*, como pretendendo dar a perceber que Martim Soares era figura do primeiro plano e não um simples cabo á laia de Manoel de Miranda, João Cide e Simão Nunes, que tomaram parte tambem na expedição.

Mas a asserção do Padre não resiste no argumento a que se prestam a tenra edade de Martim Soares e o silencio dos dous escriptores já citados, ambos seus conhecidos e um delles parente bem proximo.

Não querendo falar no facto guardado por Vicente do Salvador de ter recahido não em Martim Soares, mas em Manoel de Miranda a escolha para chefe do troço de soldados encarregados de lançar as mangas contra os Indios e os francezes da Ibiapaba, o que constitue um argumento da superioridade deste sobre aquelle, uma circumstancia ainda ha para se oppor ao que José de Moraes busca fazer acreditar.

Organisa-se uma expedição destinada ao descobrimento do Maranhão, mas principalmente por terra, porque por mar era improficua a tentativa e para descoroçoar os mais audazes ahi estavam as desgraças de Luiz de Mello e Ayres da Cunha. A' testa da empreza colloca-se Pero Coelho de Souza, homem nobre, morador na Parahyba e a elles se associam varios aventureiros. Sahe a expedição da Parahyba, chega ao Jaguaribe, encaminha-se ao Camocim e d'ahi á serra da Ibiapaba. Os indios auxiliados por Francezes, que naquellas paragens viviam a commerciar, travam luta com Pero Coelho. Apezar de Mombille e seus arcabuzes, Juripariguassú e Irapuan, chefes indigenas, são derrotados. Celebram-se pazes, os indios offerecem-se para acompanhar ao Punaré a Pero Coelho, que projecta ir além, ao Maranhão, a ultima etape de sua projectada viagem.

Mas agora são seus proprios soldados que recusam proseguir. Prosta-os a fadiga, escasseam-lhes os recursos. Volta ao Camocim e d'ahi ao Ceará, onde funda á margem do rio do mesmo nome a povoação de *Nova Lisbôa*, «sitio donde já era feita uma cidade, muito bom sitio onde tenho agora uma fortaleza», escreveu muitos

annos depois Martim Soares em autobiographia, que publico adiante, affirmativa que desmorona a opinião dos que, como Varnhagen e Constancio por exemplo, dão Nova Lisboa como fundada por Pero Coelho no Aracaty.

Constancio é o auctor que chama Luiz de Siqueira ao celebrado Padre Luiz Figueira, faz de Jacaúna um dos principaes chefes dos Tapuyas e diz que Martim Soares fundara uma povoação que chamou Nossa Senhora do Amparo e tomara um navio hollandez por abordagem com tapuyas vestidos e disciplinados á portugueza.

Era, porém, preciso prevenir o futuro do nascente estabelecimento. Resolveu-se Pero Coelho a impetrar soccorros de Pernambuco e a buscar a familia, que ficara a aguardal-o. Substituiu-o no commando do pequeno forte do Ceará o capitão Simão Nunes.

E porque não Martim Soares?

Si assistia-lhe a importancia, que lhe empresta o Padre José de Moraes, como explicar a preterição?

Ausenta-se um dos chefes e no supremo governo da nova colonia deixa de ficar empossado o seu associado, o outro organisador da expedição?

Já anteriormente, vimos, ao iniciar-se a subida da Ibiapaba não fora a elle mas a Manoel de Miranda que confiara Pero Coelho o serviço das mangas.

Mas é inutil estar a accumular interrogações pois o proprio Martim Soares disse claramente: *logo que cheguei a Pernambuco fui com o capitão-mór Pero Coelho de Souza a descubrir e conquistar a Provincia de Jaguaribe e Seará e Mel Redondo servindo de soldado.*

Repare o leitor que no trecho citado Martim Soares diz *Jaguaribe, Ceará* e Mel Redondo querendo significar a parte sul da região, a parte mais ao norte e a serra da Ibiapaba. Razão a mais para eu poder affirmar, como já o fiz, que o actual Ceará não era conhecido pelos escriptores dantanho pelo simples e generico nome de Paiz do Jaguaribe.

Soldado chama-lhe tambem Frei Vicente do Salvador.

Não fica nisso a lenda inventada pelo autor da *Historia da Companhia de Jesus na extincta Provincia do Maranhão e Pará*. Martim Soares foi para elle não só o socio de Pero Coelho como tambem o capitão-mór do Ceará, estando ainda este na capitania. Façamos a resenha dos dizeres do Padre Moraes.

Emquanto Pero Coelho encaminha-se para a Ibiapaba, Martim Soares volta a Pernambuco. Descreve ao governador Diogo de Menezes a terra e suas bellezas, pinta-lhe as riquezas a auferir della e as vantagens de uma regular administração. E' mais compassivo com os indios, cuja liberdade respeita; captou-lhes as sympathias; conhece-lhes a lingua; poderá influir poderosamente no sentido da colonisação Portugueza, ameaçada por todos os lados; *foi facil a Diogo de Menezes conceder o que lhe pedia Martim Soares Moreno, agradecendo-lhe o serviço que pretendia fazer a seu rei para o que lhe fazia mercê do novo posto de Capitão-mór do Ceará*. O novo capitão volta a assumir o cargo e em pleno exercicio vem encontral-o Pero Coelho já de volta da Ibiapaba e acompanhado dos Tobajaras da serra e de Tupinambás do Maranhão, aos quaes, uns e outros, havia attrahido sob as promessas fallazes de ricos presentes, mas com o intento malvado de reduzil-os á escravidão. Por alguem da comitiva tem aviso o capitão-mór da resolução em que se encontravam Pero Coelho e sua gente: procura-os, lança-lhes em rosto o feio proceder, descreve-lhes as consequencias funestas, que trará á nascente colonia um tal assalto á liberdade dos indios, tão doceis e tão submissos. A nada se move a fereza de animo do cunhado de Fructuoso Barboza; num momento dado elle e seus companheiros precipitam-se de repente sobre os indios, e são amarrados assim os Tobajaras como os Tupinambás *ao estrondo de muitos tiros que espantando a maior parte do gentio que alli se achava da obrigação do Capitão-mór* (Martim Soares)

*os deixou senhores da presa para os levarem com as suas familias a chorar no serviço de suas casas e lavouras a injustiça de seu infortunio.*

Como consequencia dá-se um levante geral dos indigenas, justamente magoados e indignados, despersa-se a gente, que as bôas maneiras de Martim Soares haviam conquistado e este, abatido, retira-se a Pernambuco e ao Governador, que então era *Gaspar de Souza*, expõe o malogro de todos os seus esforços e o feio attentado de que haviam sido victimas os infelizes indios. Uma escolta sahe a prender o grande criminoso, que expira nos carceres do Limoeiro, emquanto um Decreto restituia as victimas á inteira liberdade.

Até ahi José de Moraes.

Seria essa a primeira na série das nomeações de Martim Soares para capitão mór do Ceará, sendo a segunda em 1611 e a terceira em 1619.

Mas a 1.ª dellas é uma novella, um simples producto da imaginação de José de Moraes, que para leval-a a cabo necessitou de representar a expedição de Pero Coelho como tendo sido feita nos governos de Diogo de Menezes, depois Conde de Ericeira, e Gaspar de Souza, aquelle empossado em 1607, e este em 1612, quando qualquer pessoa por pouco que entenda da historia Cearense sabe que a expedição vae de 1603 a 1606, seguindo-se-lhe em 1607 a dos jesuitas Figueira e Pinto.

Quanto a 2.ª nomeação, ou 1.ª verdadeiramente, ha discordancia tão somente com relação á epocha em que ella se deu, discordancia suggerida, aliás, por tres escriptores contemporaneos, Candido Mendes, Southey e Varnhagen, collocando-a o 1.º em 1609, o 2.º em 1610 e o 3.º em 1612 quando os velhos chronistas Diogo de Campos e Berredo collocam-a em 1611; J. Brigido vae com Candido Mendes, Araripe e João Ribeiro com Southey, Beauchamp, Pompeu e Theberge abraçam a opinião dos velhos. Eu estou com estes ultimos tambem,

Ninguem, porem, contesta a nomeação.

Foi um despacho do governador Diogo de Menezes, influenciado pelas boas informações de Diogo de Campos, que lhe deu a Capitania, theatro dos erros e da longa expiação de Pero Coelho, e theatro egualmente dos triumphos apostolicos e da morte gloriosa do *Paèpina*.

Servia elle na fortaleza do Rio Grande como tenente do capitão-mór Lourenço Peixoto Cirne e com dous homens sahira a fazer novas amisades com os moradores da costa até o Ceará.

Bem recebido dos indios, conseguiu convencel-os da vantagem de alguns o acompanharem até a Bahia para impetrarem do governador D. Diogo sacerdotes que os fizessem christãos. Acceita a proposta, partiu com elles ao seu destino tendo por companheiro o proprio filho do principal Jacaúna, seu protector e grande amigo do tempo em que estivera por 3 annos no Ceará por motivo da expedição de Pero Coelho.

O governador satisfez o pedido da ida de um sacerdote, e despachou a Martim Soares provido de todas as cousas necessarias e muito recommendado para que commerciasse por terra com os naturaes do Maranhão afim de se fazer essa conquista, dando de tudo parte ao Conselho da India.

Acompanhado tão somente de um clerigo e de seis soldados, expediente, que adoptou para não despertar as desconfianças nem reviver os justos ressentimentos dos indigenas, deixou Martim Soares a Bahia e veio para o Ceará, onde construiu com o auxilio de Jacauna e de seus indios um Forte e uma pequena Ermida a que deu a invocação de N. S. do Amparo e na qual se disse logo missa em retabulo que trouxera. Foi isso em 1611. O forte era capaz de 200 homens, e teve o nome de S. Sebastião.

Delle vieram as telhas e 5 peças de ferro para o Forte de Schoonenburch construido por Mathias Beck em 1649.

Esse Forte não ficou em projecto como escreveu

o erudito Candido Mendes. Duas esquadras de 40 soldados dirigidas pelo commandante Maes iniciaram sua construcção a 10 de Abril. Traçou-lhe os riscos o engenheiro Caar. Ficou concluido a 22 do dito mez. Possuo uma copia delle tirada da que foi trasida por José Hygino quando andou pela Hollanda em proveitosissima pesquiza de documentos para o Instituto Archeologico Pernambucano. Em tempos possuiu tambem uma a Camara Municipal de Fortaleza.

Foram esse Forte e edificios annexos a cousa unica legada pelos Hollandezes da expedição de 1649 pois que nada ou muito pouco conseguiram da mineração emprehendida em Itarema, Maragoaba e Upuapaba, aliás o motivo unico que então os trouxe ao Ceará.

Em Itarema e Maranguape andou tambem Martim Soares a fazer explorações, mas não as levou avante por que o governo de Madrid fel-as cessar com receio de prejudicar pela baixa da prata as explorações das minas do Perú.

A expedição de Mathias Beck compunha-se do hiate Geele Sonne, capitão Miguel Block, hiate Synegael, capitão Francisco Pietersz, hiate Vlissinge, capitão Samuel Samuelz, barco Capodello, capitão Gerardo Goosz e uma chalupa sob o commando do quartel mestre Gerardo Hendricksz. O total das pessoas a bordo era de 298 entre os quaes o commandeur Coster, que enlouqueceu na viagem, o capitão Jacob Maes, seu successor, e 60 indios do Ceará sob a chefia de Francisco Cayaba. A 21 de Março chegaram ao rio Parahyba donde depois da demora precisa para se prover de agua potavel e receber o ministro Kempins seguiram para entrar no Rio Grande a 24 onde tomaram o commissario Van Ham, e na bahia de Mucuriba (Mocuripe) a 3 de Abril.

Sahira do Recife ás 8 horas da manhã de 20 de Março.

A' ida, de Martim Soares ao Ceará se refere assim o autor da *Rezão do estado do Brasil* que não é outro senão o proprio tio delle, Campos Moreno:

«A sombra desta fortaleza (dos Reis, Rio Grande) e de estas Aldeias se fez a paz com os de Jaguaribe e paçou a povoar o Cappitão Martim Soares Moreno com sos cinco soldados e hum capellão fiado na vezinhança e na amizade que tem com todos os principaes dos Indios de hua e de outra parte.»

Esse clerigo, que foi de capellão com Martim Soares, se chamava Balthasar João Correa.

A elle se referem uma Carta de 10 de Maio de 1624 em que S. Magestade manda que o Conselho da Fazenda dê parecer sobre uma sua pretenção, e duas Cartas do Padre Manoel Gomes dando noticia dos factos occorridos na sua viagem ao Maranhão, uma das quaes vem publicada na Historia da Companhia de Jesus pelo Padre José de Moraes; a outra, ainda inedita, pretendo leval-a ao prelo por todos estes dias.

Em 1619 o Padre Balthasar se partiu do Maranhão para o Reino a buscar cousas necessarias á Egreja deixando em seu logar o coadjuctor Domingos Glz Vaz, homem violento, que chegou a quebrar com um pau o braço de um escrivão e a excommungar o governador Diogo Machado que procurava conter-lhe os desatinos.

As luctas do coadjuctor com Diogo Machado e a Camara terminaram com ser elle forçado a embarcar no navio de Jorge de Lemos para o Reino. No entretanto ficou encarregado do serviço religioso na conquista o Licenciado Miguel Barreto.

Sympathico aos naturaes, cresceu Martim Soares no conceito delles pelo valor com que os dirigiu na abordagem e captura de um navio Francez, cuja tripolação rendeu-se á descripção, dando a victoria ensejo a que outro navio da mesma nacionalidade, fundeado em Mocuripe, por saber do destroço levantasse inopinadamente o ferro e soltasse as velas, abandonando ás ondas e ao odio dos Portuguezes o escaler, que havia mandado á terra e os respectivos tripolantes, para ir sossobrar alguas leguas mais longe, submergindo nas ondas o pingue carregamento, que conduzia. Berredo,

que cita os 2 casos, os dá como acontecidos com navios hollandezes.

Os estrangeiros commerciavam com os indios do Ceará carregando seus navios de pau pintado ou ubuiraquatiára, pau amarello ou tatajuba, ambar, pimenta malagueta e sobretudo algodão, que já naquelles tempos era a riqueza da terra, como sel-o-á em epochas futuras e sempre si o Cearense comprehender bem os proprios interesses.

Ainda assim, perigou o nascente estabelecimento porque com a retirada de Diogo de Menezes para a Bahia ficou Martim Soares em abandono e em grande apuro, e si não fôra mais vigilante a attenção de Gaspar de Souza, que lhe enviou reforço, elle, e com elle a colonia, teria desapparecido. *E succedera damno se o dito Martim Soares já mui pratico na lingoa, e modos de proceder dos Indios não se valera de sua industria até que lhe chegou soccorro*, diz o autor da *Jornada do Maranhão*.

Do conceito, que lhe merecia o capitão-mór do Ceará, e da maior importancia dos soccorros que lhe enviou disse Gaspar de Sousa em carta de 12 de Abril de 1614 a El-Rey:

«Mandoume V. Mgd.e a esta Cap.a para della continuar a empresa do Maranhão e quando vim achey que por muy justas causas tinha o g.or dom Diogo de Meneses comessado a povoar o Seará no qual estava por capitão Martyn Soarez com algus poucos soldados q' em meu tempo fez muy boas sortes aos pyratas q' andavão por aquella costa tomandolhe embarcações e mattando e cattivando muytos delles parecceome aconselhado de pessoas praticas q' devia sustentar aquelle sitio com mais força por ser de grande effeito p.a a conquista que p.a tão bem se ordenar melhor requeria que no Comusi estivessem quorenta ou sincoenta soldados com seu capitão os quais terão pratica do gentio acquirindoo p.a nos acompanhar na jornada quando fosse tpo como fiserão e Jeronimo d'albuq.e trouxe

o yndio diabo grande a esta Cap.ª e que daly passarião adiante conforme as occasiões pois logo se não podia yntentar a ditta conquista com toda a prevenção e gente necessaria.»

Não conheço manuscripto algum que trate de Pero Coelho; o que delle se sabe acha-se em obras já dadas á imprensa; sobre Francisco Pinto o inedito mais antigo são os trechos do Padre Ignacio de Tolosa (1575) por mim transcriptos á pag. 75; quanto a Martim Soares é essa carta de Gaspar de Sousa a primeira referencia que encontro no enorme acervo de Documentos que tem passado sob meus olhos.

A carta de Ignacio de Tolosa, provincial que succedeu a José de Anchieta, foi escripta da Bahia a 7 de Setembro de 1575.

Noutra occasião tratando de Francisco Caldeira Castel Branco, governador do Pará, lembrou Gaspar de Sousa a ElRei que em vista do seu procedimento se lhe desse substituto, sendo então provido *Manuel de Sousa de Saa que naquella conquista tem bem servido e sabe a lingoa alem de ter partes e calidade para isso ou o capitão Martim Soares que tem as mesmas partes e merecimentos.*

Eram, portanto, os predicados e os serviços de Martim Soares mui bem reputados desse governador geral, homem de incrivel cuidado, como diz frei Vicente do Salvador, em vigiar sobre todos os ministros e officios de justiça e fazenda, da milicia e da Republica sem lhe escapar o erro ou descuido do almotacé ou de algum outro que não emendasse.

Desse bom conceito não destoava o do seu antecessor. Diogo de Menezes consultado sobre o que pedia Martim Soares para a capitania a que tinha de ir como capitão-mór, informou a El-Rei: *que lo á sufficiencia do supp.te* (Martim Soares), *é muito bom soldado, e o tem bem mostrado em muitas occasiões do serviço de V. Mag.de e tudo o de que for encarregado fara muito bem* (Parecer de 25 de Majo de 1619).

Nesse parecer opinava D. Diogo que ao capitão do Ceará se desse ajuda de custo para construcção de uma fortaleza de pau a pique, que a fortaleza fosse guarnecida de 10 peças e 50 soldados, alguns dos quaes conhecessem os officios de alfaiates, sapateiros e serralheiros, e que na fortaleza houvesse vigario e coadjuctor.

O governo Portuguez, melhor informado das cousas do Maranhão, e comprehendida a urgente necessidade de evitar-se a todo transe que se fixassem ali definitivamente os Francezes, o que tudo faziam crer as noticias recebidas, encarregou ao successor de Diogo de Menezes, que foi o citado Gaspar de Souza, filho de Alvaro de Souza, senhor de Alcude e por sua vez alcaide mór de Meira, de levar a empreza a bom caminho.

Para isso veiu Gaspar de Sousa em direitura a Pernambuco.

Em chegando poz logo mãos ao negocio com o zelo e efficacia que eram de esperar de suas qualidades e pessoa, sendo logo das suas primeiras medidas, e isso ficou assentado com individuos de reconhecida pratica, tomar e sustentar os postos do Ceará e Buraco das tartarugas não só para que não fossem occupados pelos francezes como para impedir a estes as aguadas, que de ordinario alli iam fazer, e para estabelecer-se mais intimas relações com os indios da região.

No intuito de realisar o ultimo destes desideratos ninguem melhor que Jeronymo de Albuquerque, e pois não admira que sobre elle convergissem todas as vistas e todas as esperanças.

Fazer amisades e pazes com varios chefes indigenas, dos quaes alguns se transportaram a Pernambuco donde se tornaram satisfeitos e dispostos á causa Portugueza, foi o principal empenho de Jeronymo d'Albuquerque, que para isso não duvidou até em vender os proprios possuidos.

Tal desinteresse e intuitos de tamanho alcance ficavam bem em Gaspar de Sousa e J. d'Albuquerque. Não os comprehendia, porem, a estreiteza de vistas da Metropole,

que mais de uma vez esteve a abandonar a empreza do Maranhão para cogitar tão somente dos lucros, que lhe podessem advir do commercio do pau brasil. Aos planos do proprio Gaspar de Sousa mil tropeços surgiram por motivo desse commercio, como bem se pode deprehender de sua correspondencia de então, mormente de uma sua carta de 20 de Agosto de 1614 que assim começa :—«Queixo-me a V. Mag.ª de anno e meio a esta parte de não ser servido mandarme responder a muitas que lhe tenho escripto em razão das materias do governo deste Estado e com uma resposta que agora alcansei me fica ainda maior queixa sendo tão contraria ao que a V. Mag.ª mereço por meus serviços de tantos annos e procedimento.»

Venceram, porem, e definitivamente os legitimos interesses, e da Europa expediram-se nesse sentido ordens expressas e para executal-as com mais promptidão e efficacia Gaspar de Sousa assentou residencia em Pernambuco.

Realisados os aprestos necessarios, partiu de Pernambuco Jeronymo de Albuquerque em Junho de 1613, e tocando no Ceará tomou á sua companhia Martim Soares, ao qual ficou substituindo no commando do fortim de Nossa Senhora do Amparo Manoel de Britto Freire, como dizem uns, ou Estevão de Campos, como querem outros, Jaboatão, Berredo e Ayres do Casal, por exemplo.

Dos conhecimentos de Ayres do Casal sobre factos que dizem respeito a Martim Soares ha pouco que fiar; avalie-se que elle diz que não se sabe si Martim Soares ao tempo em que acompanhou Jeronymo de Albuquerque commandava o Ceará com Patente Regia e si já era o commandante quando aqui aportou Pero Coelho!

A Martim Soares coube o papel importante de sahir a reconhecer os Francezes e suas posições e de colher a respeito a mais minuciosa informação.

Deixando o Ceará, aportou a expedição á Jeri-

coacoara ou Buraco das Tartarugas, havendo-se préviamente verificado a impossibilidade do estabelecimento de uma povoação em Camocim, por ser terra *misera*, *secca* e *sem agoa*, no dizer de Diogo de Campos.

Em Jericoacoara Jeronymo de Albuquerque construiu um fortim e uma pequena Egreja, ambos com a invocação de Nossa Senhora do Rosario. D'ahi sahiu Martim Soares a explorar o rio e as terras do Maranhão, como lhe fôra incumbido.

João Ribeiro na sua recommendavel Historia do Brasil, 2.ª ed. p. 108, dá o forte do Rosario como tendo sido fundado em Camocim, o que não é exacto.

Que Martim Soares estava no Ceará e ali foi tomal-o Jeronymo de Albuquerque, disse-o eu e é a versão correcta e que se basea nas affirmações de Campos Moreno e Berredo; não obstante, o Padre José de Moraes escreve que sabendo Martim Soares que na ilha do Maranhão estavam já situados os Francezes foi a Pernambuco expor a Gaspar de Sousa as vantagens e o bom exito de uma expedição, delle recebeu soldados, munições e indios, com ordem de ir reunir-se a Jeronymo de Albuquerque, capitão-mór da Fortaleza do Rio Grande, donde juntos proseguiram na viagem.

E o curioso é que o Conselheiro Araripe na sua *Historia da Provincia do Ceará* adoptasse a versão da ida de Martim Soares a Pernambuco, sua ida ao Rio Grande a reunir-se a Jeronymo de Albuquerque e a subsequente vinda ao Ceará.

José de Moraes e Araripe não tem razão.

Considerem-se ainda as seguintes asserções do P.e José de Moraes:

1.º Elle faz Gaspar de Souza entregar a Martim Soares uma expedição de 300 homens com ordem de ir tomar a Jeronymo de Albuquerque.

2.º Chama Jeronymo de Albuquerque de Capitão-mór da fortaleza do Rio Grande.

3.º Diz que Jeronymo de Albuquerque e com elle Martim Soares largando ás incertezas da fortuna as velas

da sua esperança com vento a pôpa chegou finalmente a avistar a bocca do Pereá e montada a ponta da terra firme deu fundo com feliz viagem na ilha de Santa Anna.

Da estada delles no Ceará e em Jericoacoara nem palavra, quando o facto está perfeitamente averiguado.

Do numero dos expedicionarios nada diz Diogo de Campos, mas frei Vicente do Salvador e Berredo computam-o em 100 homens embarcados em 4 barcos de guerra; 100 homens dizem Teixeira de Mello e o Cons. Araripe.

Sobre a residencia de Albuquerque no Rio Grande, de cuja fortaleza era o commandante, é a opinião do Padre José de Moraes opinião singular, sendo para notar que Berredo diz claramente que ao tempo da sua nomeação para chefe da expedição elle era morador na Villa de Olinda. E o era.

Morador em Olinda dil-o tambem frei Francisco de S. José na *Poranduba Maranhense*.

Explico de modo facil as cousas. Esteve realmente Jeronymo de Albuquerque nesse tempo em Rio Grande mas não na qualidade de capitão-mór, sim a fomentar amisades com os morubixabas, o Diabo Grande por exemplo, e a preparar e ajuntar indios a mandado de Gaspar de Sousa, que se passou, como vimos, ao Recife para promover varias medidas que o caso requeria, das quaes foi a primeira a expedição de dous caravelões com mantimentos e soldados com destino ao dito Jeronymo d'Albuquerque.

Ha meios de verificar a inexactidão da asserção do Padre José de Moraes.

Compulsando-se o catalogo dos encarregados do governo de Rio Grande do Norte ver-se-á que a 21 de Agosto de 1609 foi nomeado para exercer esse posto Lourenço Peixoto Cirne e a 14 de Setembro de 1613 Estevam Soares e que Jeronymo de Albuquerque teve nomeação regia para elle e por 6 annos mas em 1603.

Realmente é a seguinte a lista dos capitães-mores do Rio Grande:

1600 Manoel Mascarenhas Homem;
1600 João Rodrigues Collaço;
1603 Jeronymo de Albuquerque;
1610 Lourenço Peixoto Cirne;
1613 Francisco Caldeira Castello Branco;
1614 Estevam Soares.

Possuo o *Auto e mais Deligencias que se fizerão sobre as Datas de terras da Capitania do Ryo Grande que se tinhão dado* em virtude de um Alvará de 28 de Setembro de 612 de cuja execução foi encarregado Alexandre de Moura. As datas a que o Auto se reporta se elevam a 185, sendo a 1.ª, de 2500 braças de terra ao longo do rio Potigy, concedida pelo capitão-mór Manoel Mascarenhas Homem a João Rodrigues Collaço a 9 de Janeiro de 1600 e a ultima pelo governador geral Gaspar de Sousa a Pero Vaz Pinto, escrivão da fazenda.

Na longa lista apparece Jeronymo de Albuquerque como doador das de n.º 54 a 8 de Agosto de 1603 até a de n.º 162 a 9 de Agosto de 1610, seguindo-se a data de terra n.º 163 mas já doada por Lourenço Peixoto. A este capitão succedeu no governo da capitania Francisco Caldeira em cujo tempo Alexandre de Moura se occupou da partilha das terras.

A isso já me referi ligeiramente, ao tratar da expedição de Pero Coelho, na anterior monographia.

Demais no dito Auto, que é de Fevereiro de 1614, figura ao lado de Alexandre de Moura o capitão-mór Francisco Caldeira e este declara conformar-se com as informações do Padre Vigario e de Manoel Rodrigues por serem as pessoas mais antigas do logar e elle capitão-mór estar no Rio Grande havia seis mezes apenas (portanto já em 1613), e occupado continuamente nas obras e reformas da fortaleza.

Como, portanto, em 1613 «Gaspar de Sousa tudo confiou a Martim Soares com ordem de ir tomar a Jeronymo de Albuquerque, capitão-mór da fortaleza do Rio Grande, e chegando Martim Soares ao Rio Grande entregou-lhe as cartas com a respectiva patente?»

O Padre José de Moraes é ainda o unico dos velhos escriptores a affirmar que J. d'Albuquerque chegou até o Maranhão, o que nunca se deu. Digo dos velhos porque á pag. 67 das suas Lições de Historia Patria ensina Americo Braziliense que Albuquerque chegando ao Maranhão construiu um forte e mandou Moreno reconhecer a ilha, e pois cahiu no mesmo engano do Padre. E equivocando-se em ponto de tanta importancia, não admira que o engano fosse além e, pois, eil-os a darem como theatro do assalto de du Prat, e da estrondosa victoria de Manoel de Souza d'Eça não o fortim de Nossa Senhora do Rosario em Jericoacoara, como realmente foi, mas sim o porto e ilha de Santa Anna.

Os factos passaram-se do seguinte modo:

Edificado em Jericoacoara o fortim de Nossa Senhora do Rosario, como deixei dito, e havendo partido Martim Soares a cata de descobrir os Francezes, ficou nelle Jeronymo de Albuquerque a aguardar as informações e as noticias para melhor encaminhar as operações.

Taes noticias de Martim Soares e dos 20 companheiros, que levou, essas é que não vieram. Não que estivessem inactivos. Eis aqui o que elle mesmo escreve:

«E sendo no anno de 1613 fui em um pequeno barco a fazer o dito descubrimento levando os Indios que comigo havião hido fallar, os quaes erão muito praticos naquella Costa, e sendo já alguns dias de viagem, cheguei a Pereiá a primeira boca do Maranhão e dalli fui por dentro dos rios e ao dia de S. Anna cheguei á Ilha chamada Tucutenduba a que puz nome Ilha de S. Anna, alli achei um grande porto de náos muito fundavel, e nelle um Armazem que alli tinhão os francezes com muito breu e muitas cabascamastras e muito páo de tinta cortado e polés aonde fazião muitos cabos ao que puz fogo e dalli fui a descobrir o sitio de Guaxenduba, donde depois o Capitão-mór Hycronimo de Albuquerque situou seu campo, e teve a victoria com

os inimigos, isto feito me fui em demanda da Ilha que hoje chamão de S. Luiz a cheguei com o barco perto de terra donde desembarquei e pondo-me em cima de penedo prégando que era filho de Yacauna todos me ouvirão e me levarão galinhas e muitos legumes, alli puz uma Cruz com um letreiro que dizia aqui chegou o Capitão Soares Moreno a tomar pocessão por el-Rei Catholico, e não sabendo que estavão povoados os francezes alli me confessei e sem falta fora morto se um Indio não me avizara que se veio comigo a esta Cidade, e com o dito avizo dei a vella não fazendo aggravo a nenhum d'aquelles Indios antes feito pratica que dali a um anno tornaria com muita gente a povoar aquellas terras; neste tempo já os francezes tinhão tomado a Barra por onde eu havia de sahir. Permitio Deos que me meti pelo Rio assima escapei embrenhado em um braço delle, e dali a oito dias tornei a desembocar de noite donde arribei as Indias e dali vim com a Relação a esta Cidade e com ella e o meu Piloto se fez a jornada donde Sua Mag.de me mandou tambem.»

Arrastados pelos ventos e correntezas fôra-lhes impossivel voltar ao presidio e tiveram que ir á ilha de S. Domingos, depois ás Bahamas onde communicaram com os Inglezes moradores alli, e apoz fortuna varia chegaram a 25 de Setembro de 614 á cidade de Sevilha d'onde Martim Soares aproveitou o mestre da lancha Sebastião Martins, que regressava ao Brasil, para então dar conta a Gaspar de Souza do que vira no Maranhão e das difficuldades com que teve de arcar.

Com Martim Soares foi a Sevilha um indio dos do Maranhão.

Pela demora de Martim Soares em regressar ou ao menos em dar noticias da Ilha que explorara, si bem que o tivesse logo feito por quatro indios que despachou e que se desencaminharam, e porque a estação urgia e fôra loucura tentar o desconhecido, mormente contando com tão minguado contingente de tropas, já de si desfalcadas de homens como Martim Soares e o piloto Martins,

comprehendeu Jeronymo de Albuquerque a necessidade de regressar, e mandando a gente de guerra por mar, voltou por terra em o mez de Agosto para Pernambuco, não se tendo descuidado de guarnecer de soldados, e foram esses em numero de 40, o forte de Nossa Senhora do Rosario, de cuja commandancia encarregou o proprio sobrinho.

Era um posto de grande responsabilidade, pois que Jeronymo para desafiava as visitas dos corsarios estrangeiros para o resgate de differentes drogas e estava a mercê das investidas dos naturaes, que conhecedores das precarias condições de sua guarnição por mais de uma vez tentaram trucidal-a, como aconteceu em 1614, quando 300 delles se abalançaram a esse intento sendo todavia repellidos com grande mortandade apezar da penuria da guarnição, que havia mezes só se alimentava de hervas do campo.

Para acudir a esses apertos e como soccorro á guarnição que se via em desamparo foi que Gaspar de Sousa expediu a 28 de Maio um caravelão com 30 homens sob o commando de Manoel de Sousa d'Eça ou de Sá, que chegando alli a 9 de Junho teve logo ensejo a 18 de medir-se com os Francezes de du Prat infligindo rigoroso castigo á sua audacia e temeridade.

A expedição de Albuquerque, portanto, não chegou a pôr pé em terra Maranhense. O que fica claro é que José de Moraes confundiu a 1.ª com a 2.ª expedição do illustre cabo de guerra.

Confusão egualmente deploravel das duas expedições é a que commette Mello Moraes na sua «Chronica Geral do Brazil».

Para elle J. d'Albuquerque sahiu a 1 de Junho de 1613, *antes da chegada do governador*, com uma força para bater os Francezes, mas reconhecendo não ser ella sufficiente voltou a Pernambuco, reforçou-se com mais 300 homens de tropa regular, 234 indios, 2 navios, 1 caravella e 5 caravelões, marchou para o Maranhão, deu combate em frente da ilha a Ravardiere no dia

19 de Novembro, os Francezes a 22 pediram suspensão de armas, e a 27 assignaram-se artigos de paz! E dessa sorte Mello Moraes distribue por 5 mezes de 1613 os factos notaveis que assignalaram o anno de 1614 e de que se fez minucioso narrador Diogo de Campos Moreno, um dos protogonistas!

Occupando-se da 2.ª expedição escreve elle que Jeronymo de Albuquerque voltou no anno seguinte com tropas frescas e cinco navios de guerra que tinhão vindo de Portugal debaixo das ordens de Diogo de Campos ao passo que por terra marchava o celebre Camarão, irmão de Jacauna, a testa de 800 Potiguares, etc.

Não admira. A' pag. 211 diz elle que os primeiros religiosos entrados no Maranhão foram frei Cosme de S. Damião e frei Manoel da Piedade, barbadinhos franciscanos Francezes e isso em 1612 ou 1613; á pag. 204, que os indios Tacorijús assassinaram o Padre Luiz Figueira quando em viagem para o Maranhão; á pag. 212 que D. Diogo de Menezes passando-se a Pernambuco em fins do anno de 1611 mandou Martim Soares Moreno formar no Ceará um estabelecimento para explorar a embocadura do Amazonas, o que pouco se poude conseguir á falta de recursos, etc., etc.

E si tantas inexactidões se encerram na *Chronica Geral do Brazil*, não menos eivada dellas está a *Chorographia* na parte que diz respeito a Martim Soares e á expedição de Jeronymo de Albuquerque (pag. 443). Basta para proval-o consignar as seguintes asserções: que o forte de N. S. do Rosario foi levantado na embocadura do rio Percá; que Jeronymo de Albuquerque, que se encontrou com Martim Soares ao passar pela embocadura do Potengi, mandou-o se apossar da ilha do Maranhão; que Martim Soares reconhecendo a posição do inimigo assentou não dever aventurar-se e voltou para o forte do Rosario onde passados tres mezes teve de defender-se de uma multidão de indios capitaneados por Francezes.

Ora nem o forte de N. S. do Rosario estava no

Periá, mas em Jericoacoara, nem se deu o encontro de Jeronymo de Albuquerque e Martim Soares na embocadura do Potengi mas no Ceará, nem Martim Soares foi mandado desalojar os Francezes mas sim explorar o terreno e verificar as forças e posições do inimigo, nem Martim Soares voltou ao forte do Rosario porque foi arrojado ás Antilhas e á Europa depois de longa serie de perigos e aventuras de que deu conta por intermedio de Sebastião Martins e outros companheiros seus chegados de volta a Pernambuco a 24 de Julho de 1614 numa caravela de Roque Fernandes.

Abordemos agora uma questão. Onde separou-se Martim Soares do grosso da expedição? Na Ilha de Santa Anna, disseram José de Moraes e Americo Braziliense; em Jericoacoara ou Buraco das Tartarugas affirmaram Simão Estacio da Silveira (que tambem computa em 100 homens a expedição de J. de Albuquerque), frei Vicente do Salvador, Berredo, Santa Maria Jaboatão, Araripe, Theberge e Pompeu; no Ceará mesmo, suggerem Diogo de Campos e, acompanhando-o muito de perto, José de Vasconcellos.

A primeira opinião é insustentavel pois, já viu-se, nem lá chegou a expedição. Restam as outras duas—si em Jericoacoara, si no Ceará.

O autor da *Relação Summaria* diz positivamente: *descorrendo a costa avante do Ceará foi até o Buraco das Tartarugas e alli fez um presidio e uma cerca, e se tornou a pedir mais gente e cabedal para passar ao Maranhão, enviando entretanto a descobril-o pelo capitão Martim Soares Moreno em um barco.*

Quasi nos mesmos termos diz Vicente do Salvador: *Hyeronimo de Albuquerque discorrendo a Costa avante do Ciará foi athé o Buraco das Tartarugas e ahi fez uma cerca, e deixou um presidio, donde mandando o Capitão Martim Soares Moreno em hum barco a descobrir o Maranhão se tornou a Pernambuco a dar conta ao Governador do que tinha feito.*

Não é menos explicito Santa Maria Jaboatão:

*Da Bahia despachou logo o Governador quatro Sumacas armadas em guerra com cem homens da guarnição a ordem de Jeronymo de Albuquerque em Pernambuco* (mais uma opinião opposta a do Padre José de Moraes) *e dalli partiu este capitão em o primeiro de Junho do anno de 1613 e foy tomar o porto do Ceará. Estava por capitão desta Fortaleza Martim Soares Moreno, a quem Jeronymo de Albuquerque levou comsigo* (mais um a oppor-se ao Padre José de Moraes), *deixando em seu lugar a Esterão de Campos. Do Ceará passarão adiante e forão entrar no chamado Porto ou Buraco das Tartarugas, nas visinhanças do Maranhão e neste porto levantarão logo huma Fortaleza de páo a pique, com o nome de Nossa Senhora do Rosario, despachando ao mesmo tempo em um dos quatro barcos, guarnecidos dos melhores soldados, a Martim Soares Moreno a reconhecer a a intentada Ilha do Maranhão.*

A opinião de Berredo é tambem por Jericoacoara:

*Daqui (Buraco das Tartarugas) destacou logo a Martim Soares em hum dos quatro barcos de sua esquadra, guarnecidos dos melhores soldados, com a importante diligencia de reconhecer a procurada Ilha do Maranhão.*

Frei Francisco de S. José diz: *Gaspar de Sousa com toda a diligencia armou em guerra 4 embarcações com 100 homens de guarnição. Com esta armada sahio Jeronimo de Albuquerque do Recife de Pernambuco no 1.º de Junho e xegando ao Ceará fez que o acompanhasse o commandante daquelle prezidio Martim Soares Moreno. Levantou no Buraco das Tartarugas (Jericoacoara) uma pequena fortificação de pao a pique, e lhe deu a invocação de Nossa Senhora do Rosario. Daqui (Jericoacoara) destacou logo a Martim Soares em uma embarcação guarnecida dos melhores soldados para reconhecer a ilha do Maranhão, como o mais pratico do paiz por sua muita assistencia no Ceará.*

Do outro lado, em Campos Moreno, se lê:

*E chegou ao Siará o anno de 613 donde levou com-*

*sigo ao Capitão Martim Soares que com facilidade se lhe offereceu para reconhecer tudo o que faltara da Costa até o Maranhão e que entraria no mesmo rio e com toda a brevidade possivel tornaria a dar aviso se podesse, e que entretanto seria bem povoar-se o Camuri... Partido Martim Soares, o dito Jeronymo d'Albuquerque se foi ao Camuri e não achando commodo para povoar se tornou atras coisa de oito leguas á Bahia das Tartarugas chamada Perquaquara, e alli assentou huma povoação, na qual fundou hum altar a nossa Senhora do Rosario.*

E' claro que para o autor da *Jornada do Maranhão* a partida de Martim Soares em desempenho do offerecimento, que fizera, precedeu a ida de Albuquerque ao Camocim (ou Camuri) e a Jericoacoara, e foi-se portanto mesmo do Ceará.

Nos mesmos termos mais ou menos pronuncia-se José de Vasconcellos.

Essas minhas considerações, esses meus confrontos já os fiz na monographia, que dei a lume ha uns bons sete annos sob o titulo *Documentos para a historia do Fundador do Ceará*; mas não me penitenciarei por os reproduzir agora visto serem de alguma importancia e principalmente porque aquella monographia, tendo tido uma edição de 100 exemplares apenas, está pouco divulgada, de estreito numero de pessoas é conhecida.

Entre a auctoridade de Diogo de Campos e a de Estacio da Silveira, Vicente do Salvador, Berredo, Jaboatão e Frei Francisco de S. José, inclinei-me, como todos os chronistas Cearenses, pela segunda, não só por esse concurso de opiniões de tanto peso como pela consideração valiosa de não poder comprehender que Jeronymo de Albuquerque se privasse das luzes e experiencias do homem mais entendido nas cousas do Ceará, logo á primeira entrevista.

Se me afigura muito mais natural que o chefe da expedição julgou-se habilitado a despachar Martim Soares, isto é, privou-se do mais seguro e experimentado

auxiliar, quando estavam mais ou menos vencidos os perigos, firmadas as pazes com os indigenas da amisade de Martim Soares, visitados os portos mais accommodados á empreza em que Albuquerque se empenhava, e construidos os povoados de que se havia mister.

Em todo caso, essa duvida sobre um trecho da vida militar de Martim Soares é uma das muitas em que a cada passo se está a tropeçar e merecerá a attenção dos estudiosos, como merecerá tambem a que se refere ao seu substituto no commando do presidio de Nossa Senhora do Amparo.

Foi Estevam de Campos? Foi Manoel de Brito Freire? Por aquelle estão Berredo e Jaboatam e com elles Pompeu; pelo segundo ficam outros historiadores.

Não tenho documénto em que me estribe para resolver a questão, mas é-me facil affirmar que si realmente Estevam de Campos succedeu immediatamente a Martim Soares, seu governo foi de exigua duração, de dous mezes quando muito, porquanto todos os chronistas, inclusive Diogo de Campos e o proprio Berredo, escrevem que Jeronymo d'Albuquerque por occasião da sua 2.ª expedição, *a milagrosa*, encontrou no commando do forte de N. S. do Amparo a Manoel de Brito Freire, que *estava a aguarda'-o havia 14 mezes*, dizem uns, *havia mais de 14 mezes*, dizem outros.

O § 11 do Regimento dado por Gaspar de Sousa a Jeronymo de Albuquerque a 22 de Junho de 1614 estipula:

*Tanto que em hora chegar ao Rio Seará pelo perigo do ditto Rio não entrara com as embarcassões sim dara ordem pera tomar o Cap.am manoel de Britto freire, e paressendolhe levar toda a gente q' com elle asiste o p'dera fazer tomando nisso cons.o ou se tão bem sera acertado deixar algua com o sargento almeida, por lhe não serem impedimentos levar alguas molheres e crianças q' ali ha.*

Sabido que Jeronymo d'Albuquerque sarpou de

Pernambuco em Junho de 1613 e passando no Ceará levou comsigo a Martim Soares, sabido que em Setembro de 1614 (2.ª expedição) encontrou no commando do forte a Manoel de Brito Freire e este estava a aguardal-o *havia 11 mezes*, attendendo-se á data do citado Regimento de Gaspar de Sousa, a conclusão logica a tirar é que si Brito Freire não foi o successor immediato de Martim Soares, quem quer que o foi servit por muito pouco tempo para ceder logo depois o logar ao dito militar.

Deixamos atraz Martim Soares, arrebatado pelos ventos e correntezas maritimas, passando pelas Antilhas, e aportando á Europa, de onde enviou novas suas por intermedio de Sebastião Martins.

Suas cartas e as noticias que então ministrou sobre a força de que dispunham os Francezes no Maranhão alteraram por completo as deliberações e projectos de Gaspar de Souza como é facil de ver do Auto da reunião ou conferencia havida a 26 de Julho de 1614 entre o governador e o capitão-mór Jeronymo de Moura, o sargento-mór Diogo de Campos e o capitão do forte do Recife Vicente Campello.

Em torno delle faz-se então o silencio por algum tempo até que vamos encontral-o acompanhando o tio, o sargento-mór Diogo de Campos, em sua volta ao Brasil (1615) por causa do insuccesso da missão em que este fôra á Europa com du Pratz, Gregorio Fragoso e Mathieu Maillard na forma do tratado de tregoa celebrado entre Albuquerque e La Ravardiére. Foi seu companheiro tambem o celebre Bento Maciel Parente.

Martim Soares, portanto, figura entre os que conseguiram ultimar a expulsão dos Francezes do Maranhão, isto é, entre os companheiros de Alexandre de Moura. Ao chegar este á conquista já lá estava Martim Soares e até como refem entre os Francezes.

Esse facto vem infirmar a informação de alguns historiadores, Berredo (§ 383) por exemplo, que o dão

como aproveitado no commando de um dos navios da armada que sob o commando de Alexandre de Moura e de Diogo de Campos se fez á vela de Pernambuco para o Maranhão a 5 de Outubro de 1615.

Assignada a capitulação e retirados os vencidos, tratou Alexandre de Moura de se fazer de vela para Pernambuco onde entrou victorioso conduzindo como trophéu o cavalleiroso Daniel de La Ravardiere.

Não o fez, porem, sem primeiro ter assentado nas medidas e providencias proprias a firmar a victoria e garantir o recente estabelecimento, já nomeando por governador e chefe supremo ao heroe da conquista, Jeronymo de Albuquerque e para ouvidor a Luiz de Madureira, já fazendo acertada escolha para commandantes das fortalezas e postos militares. Nessa partilha feita aos cabos de guerra, que mais se assignalaram, aos Ambrosio Soares, Alvaro da Costa, Balthasar Pestana, Bento Maciel e outros coube a Martim Soares o posto de capitão de Cumã com 25 soldados.

A primeira ideia foi de o encarregarem do descubrimento e conquista do Pará, mas ulterior deliberação aproveitou-o em serviço naquella região.

Renovando-se os graves encommodos de uma fistula, que padecia, requereu elle a Jeronymo de Albuquerque que mandasse rendel-o, e então succedeu-lhe no governo Mathias de Albuquerque com a patente de capitão de infantaria.

Embarcando-se em um barco velho e mal apparelhado, ao sahir da barra de Cumã sobreveiu furioso temporal que o atirou desarvorado e quasi perdido á Ilha de S. Domingos.

Em S. Domingos nomeou-o o presidente Diogo Gomes de Sandoval por cabo dos navios que sahiam para a Europa, mas outro temporal separou do grosso da armada o navio em que ia e foi offerecel-o á avidez e á vingança de um pirata Francez. Por muito tempo se prolongou a peleja; mas a partida era desigual, o navio inimigo sendo artilhado de 18 peças; ao fim de deses-

perada resistencia restavam só 3 portuguezes e Martim Soares com um braço de menos e o corpo crivado de 23 feridas.

Preso, foi conduzido a França e condemnado á morte a *requerimento de viuvas e orphãos* que nelle enxergaram o causador da perda de seus parentes Francezes que haviam succumbido no Maranhão, mas salvou-o a intervenção do embaixador Duque de Montalvão, o que não o impediu de na volta á patria ingrata andar a *requerer mercês de ajuda de custo para remediar suas miserias e necessidades e desendividar-sê para se poder vestir.*

Eis, portanto, a querida para a historia do fundador do Ceará a data precisa de sua captura e prisão em França. Foi no anno de 1616, após a victoria de Alexandre de Moura sobre La Ravardiere, e não, como se suppunha, e nessa crença estava eu tambem, quando sahira a descubrir os Francezes do Maranhão a mandado de Jeronymo de Albuquerque.

Consignei eu á pag. 179 que Eugene Guenin fizera-o de nacionalidade mourisca e preso na batalha de Marignan. Escreveu realmente o auctor Francez no seu livro *De Dieppe et ses pilotes*, Paris, Imprimerie National, MDCCCI, p. 24-25:

J'ai trouvé dans les *Antiquités et chroniques de Dièppe*, à la date 1616, le passage suivant qui, après un examen attentif, m'a paru, quant à la date, constituer une erreur évidente du vieux chroniqueur.

«Le 6 Décembre 1616, dit Asseline, un capitaine du Havre de Grâce, appelé Fleury, amena à Dièppe une prise qu'il avoit faite sur les Espagnols, et M. le Gouverneur ne voulans pas que ces étrangers, tant hommes que femmes, missent le pied à terre dans cette ville, il les fit passer jusqu'au batardeau et ensuite détenir prisonniers dans le jardin de Monsieur. Quant au capitaine il fit étroitement emprisonner le nommé Suarez qui se disoit sergent maure à Marignan, le quel y avait assisté les Espagnols dans le combat qu'ils y eurent contre les François. Ce qui fut executé en vertu de la

main levée que le capitaine obtint de M. l'amiral et de la sentence donnée sur icelle en l'amirauté de Dieppe jusqu'à ce que le Roy en eût autrement ordonné. Les autres furent ensuite envoyés à Dunkerque, á la reserve de quatre que Fleury retint avec Soarez, d'autant plus soigneusement qu'ils avoient, à ce qu'il disoit, massacré en cette rencontre quelques uns de ses parents. Au reste le Sieur Policien a estimé que cette prise fut amenée a Dieppe l'an 1620 plutôt qu'en la presente année 1616, si bien que, selon sa supposition il faudrait rapporter ce trait d'histoire à cette année là.»

L'erreur matérielle quant à la date est certaine; il s'agit d'une prise sur les Espagnols, en 1616, ou en 1620 suivant le sieur Policien, on était en paix avec l'Espagne. Il s'agit d'un nommé Suarez, qui était sergent more ou commandant à Marignan, «le quel y avoit assisté les Espagnols dans le combat qu'ils y eurent contre les François»; or la bataille de Marignan est de 1515. La prise faite par Fleury doit donc etre reportée à 1516 ou plus exactement à 1520.

Um outro pirata celebre teve nome de Fleury, e sua existencia e façanhas ficaram restabelecidas de modo incontestavel pelo illustre doyen da Faculdade de Lettras de Dijon, o Professor Paul Gaffarel.

Depois do seu trabalho *Le Corsaire Jean Fleury* (1902) jamais se poderá confundir, como o fizeram Harrisse, Morphy e Heredia, o pirata Johannes Florinus, João Fleury, com João de Verazzano, o Florentino, descubridor da Costa dos Estados Unidos banhada pelo Atlantico. Um e outro, é certo, foram contemporaneos e estiveram ao serviço de João Ango, Visconde de Dieppe. Mas o Fleury que tantos estragos e desastres causou ás frotas e aos armadores Portuguezes e Hespanhoes não é o Fleury que aprisionou a Martim Soares, si bem que um e outro fossem da Normandia, a provincia de França que fornecia maior numero de flibusteiros, piratas e armadores. O 1.º celebrisou-se no 1.º quartel do seculo 16 e foi enforcado no porto de Pico por ordem

de Carlos 5.º em dias de Novembro de 1527, não podia ser, portanto, o auctor da façanha, que levou ás prisões de França o fundador do Ceará.

Explicam-se os enganos multiplos de Eugenio Guenin. A epocha das mais estrondosas correrias de Jean Fleury, o de Ango, foi o 1.º quartel do seculo 16, nomeadamente em 1520, e como um Fleury foi o aprisionador de Martim Soares d'ahi seu engano buscando corrigir os dizeres de Asseline, com quem aliás estava a verdade.

Sergent maur não é sargento mouro, mas sargento-mór, Marignan não é a cidade italiana theatro de mais de uma batalha sanguinolenta, mas sim Maranhão, onde realmente Martim Soares tanto se notabilisou.

Paul Gaffarel publicou tambem o anno passado um curioso estudo sobre outro corsario de nacionalidade Franceza. Esse, cuja leitura, como o do *Le Corsaire Jean Fleury*, recommendo, se occupa de Landolpho, natural de Auxonne, como Thurot de Nuits, e comprador de escravos Africanos nos principios de sua vida de aventuras, mais tarde constructor e administrador de um notavel estabelecimento na costa de Benin e por fim terrivel aprisionador de navios Inglezes e Portuguezes.

Sua ultima façanha foi na altura do Rio de Janeiro. A bordo do *Concorde*, foi atacado por 3 navios Inglezes sob o commando do capitão Bultell, teve de render-se diante do numero e foi mandado como prisioneiro para uma das ilhas da Bahia do Rio de Janeiro. Falleceu em Paris em 1825 esquecido de todo pelo governo e pelos seus patricios.

Sobre piratas e corsarios Franccezes operando em costas estrangeiras e piratas estrangeiros operando em as costas de França ha muito que se ler, e para não citar outros recordo-me dos trabalhos mais recentes de la Borderie (Le Commerce et la Feodalité en Bretagne), do meu distincto amigo Snr. Leon Vignols (La Piraterie sur l'Atlantique au XVIII siècle), de Nicolliere (La Course

et les Corsaires du port de Nantes), de Parfouru (Capture d'un corsaire espanhol par des habitants de Lannion), de Corre (Un corsaire Brestois sous Louis XV, Armateurs et marins bretons d'autrefois), etc.

De novo estabelece-se o silencio sobreMartim Soares. Affirma Barba Alardo sua volta ao Ceará em 1617. Nada ha que demonstre a verdade da asserção do autor da *Memoria sobre a capitania do Ceará*, antes tudo se oppõe á hypothese de sua volta ao Ceará em tal anno. Recomponhamos os factos.

Alexandre de Moura deixou o Maranhão em Janeiro de 1616; Martim Soares nomeado por elle para Capitão de Cumã esteve no cargo até meiados do anno quando por doente foi exonerado e teve de se embarcar para a Europa; atirado por violenta tempestade para as Antilhas ahi se demorou mezes; partindo da Ilha de S. Domingos foi aprisionado por um navio corsario e levado para a França em cujas prisões jaseu por 10 mezes; liberto pela intervenção do ministro Portuguez em Paris voltou a Portugal e tratava então de se collocar pois vivia em completa penuria. Assim sendo nunca poderia ter elle voltado ao Ceará em 1617 e, pois, é inacceitavel a data registrada por Barba Alardo.

Verifiquei da respectiva correspondencia existente nos archivos da Bibliotheca Nacional de Lisboa que a 31 de Janeiro de 1619 elle achava-se ainda em Portugal. Retinham-o as pretenções, que isso de requerer nas Cortes demanda dinheiro, tempo e pai alcaide.

Com effeito ha cartas do Vice Rei e do Conselho de Estado affirmando positivamente a estada alli de Martim Soares naquella data.

Não ha duvida, porém, que é de 1619 e tem a data de 26 de Maio a Carta Patente que lhe fez doação da Capitania do Ceará por 10 annos. Será sua 3.ª nomeação segundo o Padre José de Moraes ou a 2.ª verdadeiramente segundo nós outros.

Titulos não lhe faltavam para a mercê; fôra expedicionario de Pero Coelho, fundara o Ceará, acom-

panhara Jeronymo de Albuquerque e Alexandre de Moura contra os Francezes do Maranhão, mais de uma vez desgarrara ás Indias, tomaram-o os Francezes deixando-o mutilado e com 23 feridas, estove dez mezes em França posto a ferros e ameaçado de morte, para libertar-se ficara empenhado e individado e assignara compromissos por causa dos quaes queriam encarceral-o em Portugal e estavam a molestal-o.

Como a Carta Patente de mercê obrigava Martim Soares a prestar homenagem e preito nas mãos do Vice-Rei com residencia na Bahia, uma apostilla de 6 de Dezembro dispensou-o dessa formalidade, muito incommoda por causa da distancia e obrigada a avultadas despezas.

Apezar de nomeado em Maio de 1619, decorreu o anno inteiro de 1620, passou-se a primeira metade de 1621 sem que viesse assumir o posto.

Demonstram-no varios Documentos da minha collecção, e entre elles um pelo qual consegui apurar que sua chegada teve logar a 23 de Setembro de 1621. Nessa data aportava elle ao Ceará sendo festivamente recebido dos Indios.

O ordenado a pagar-se-lhe foi arbitrado em 400 crusados annuaes, depois de ouvidos os pareceres de Dom Diogo de Menezes e Gaspar de Souza. Este calculara de 300 a 400 crusados devendo se ter em conta o ambar, que o mar deitava nas costas da capitania e que o capitão-mór podia comprar aos indios; aquelle opinara por 200$000 de vencimento á maneira do que se pagava aos capitães do Rio Grande e Parahyba; o Conselho da Fazenda resolveu então tomar o meio termo e assentou nos 400 crusados em Consulta de 4 de Janeiro de 1621 approvada por El-Rei a 9 de Junho.

Alem do ordenado Carta Regia dessa ultima data lhe fez concessão de duas leguas em quadra na capitania, ficando elle obrigado dentro do tempo marcado na Ordenação a semear algodão e a plantar cannaviaes.

O pedido de Martim Soares fôra de 12 leguas em quadra a principiar da Bahia de Mocuripe para Noroeste, e sendo ouvido a respeito Alexandre de Moura opinara pela concessão de 6 apenas e isso porque tendo estado no Ceará verificara que *não é terra toda fertil nem bôa para canna de assucar e que ha logares muito pobres de madeiras que são toda a sustancia dos engenhos.*

A opinião do Conselho fôra tambem pela concessão de 6 leguas.

A Coroa de Hespanha regateava muito as mercês aos que de Portugal vinham ás colonias. Sentia que aquillo não lhe pertencia e que mais ou menos tarde voltaria ao seu legitimo e verdadeiro dono.

Essa data de terras foi mais tarde, a 8 de Julho de 1683, concedida a Manoel de Arruda da Camara e ao alferes Antonio Rodrigues, que foi o doador da terra do patrimonio de S. José, orago de Fortaleza.

O ambar entrava na linha dos lucros para o capitão-mór. A variedade Cearense, que era do branco e gris, se computava a preço de quatro mil reis e mais cada onça, ao passo que o negro, encontrado desde Pernambuco até Bahia, valia apenas de 3 a 4 crusados, como se lê nos *Dialogos das Grandezas do Brasil*, por Brandonio.

Sobre a qualidade e abundancia do ambar nas costas do Ceará disse Durão no seu *Caramuru* «Ambar griz do melhor, mais denso e espesso nas costas do Ceará se vê espaçosas» e Rocha Pitta no Livro 2.º da sua *Historia da America Portugueza:* «O Ceará é a mais aspera e inutil das provincias do Brazil, só abundante de muitas salinas e copia grande do melhor pau violeta, que produz esta região, posto que para desempenho da esterilidade dos outros generos, de que o não fecundara a natureza, lhe lançou o mar quantidade de ambar gris por toda aquella grandissima costa, do mais fino que sae pelas outras da nossa America, e em maior abundancia; acontecendo trazerem-n'o em muito numero de arrobas os gentios, a trocar por qualquer droga com

os Portuguezes, e colhendo-o tambem elles na mesma quantidade e perfeição.»

A *Historia da America Portugueza* foi publicada em Lisbôa em 1730 e portanto em epocha em que o Ceará já era bem conhecido, sendo, portanto, para admirar que seu illustre auctor alem de muito pobre de informações sobre elle (33 linhas apenas, inclusive as que lhe mereceu o ambar) nessas mesmas noticias transmittisse aos seus leitores graves inexactidões, como, entre outras, a existencia de 3 villas no Ceará com os nomes de Santiago, Ceará-Merim e Camocipe pelas quaes estavam divididos mais de duzentos visinhos, a fundação por José Mendes Machado da villa dos Zaquirás a dez leguas da cidade para o sul, a erecção da povoação do Rio Jaguaribe em villa pelo dito Mendes Machado, etc.

Chegado ao Ceará encontrou Martim Soares a população Portugueza, que era de 20 pessoas, e os indios amigos em hostilidade com algumas tribus circumvisinhas, a terra escassa de provisões por falta de ferramentas, para conseguir as quaes teve de ficar empenhado com negociantes de Pernambuco, e o forte redusido a uma estacada de varas cahindo e a umas cabanas de palhas.

De todas essas occorrencias deu elle aviso a El-Rei em carta de 1 de Novembro, da qual egualmente se vê que condusira do Reino variedades de sementes, cannas de assucar, cavallos e vaccas, que se iam dando optimamente na terra cearense.

Tão diminutos tinham sido os recursos trasidos da Metropole que Antonio Muniz Barreiros, capitão da Conquista do Maranhão por Provisão do governador do Estado do Brasil Diogo de Mendonça, escrevia a El-Rei em carta de 27 de Maio de 1622 que havendo partido de Pernambuco a 11 de Março do dito anno estivera no Ceará com Martim Soares então *falto de tudo*.

Muniz Barreiros, que tocou tambem no porto do Buraco das Tartarugas, chegou ao Maranhão a 24 de

Março encontrando a localidade disimada por grande epidemia de variola.

Ainda assim, podia Martim Soares tirar de seus parcos haveres fornecimentos com que prover no mez seguinte ao de sua chegada (Outubro) uma nau biscainha, que ia com a armação das baleias para Bahia e uma outra que condusia gente das Ilhas para o Maranhão.

A' volta de Martim Soares ao Ceará se refere Manoel Severim de Faria na sua *Relação desde o 1.º de Março de 1622 até todo Fevereiro de 1623* nos seguintes termos:

«No Ceará capitania do destritto do Maranhão entrou Martim Soares sobrinho do sargento-mór Diogo de Campos com m.tos parentes e outros povoadores cazados p.a cultivarem a terra.»

O governo de Martim Soares no Ceará estendeu-se apezar de todos os tropeços até 1631, quando partiu para Pernambuco a reunir-se a Mathias de Albuquerque de accordo com as ordens emanadas da Metropole.

Nesse largo periodo assignalou-se por feitos de alta importancia, não sendo dos de menor valia a entrada para o gremio christão a 20 de Janeiro de 1622 do chefe indigena e seu grande amigo o Jacaúna graças ás suas instancias e exhortações; a derrota, que infligiu aos corsarios Hollandezes e Francezes, que assaltaram o Ceará em 1624 e 1625; suas pesquizas na serra de Itarema á cata de prata, pesquizas renovadas em 1649 por Mathias Beck, o fundador do forte Schoonenburck; suas questões com os governadores do Estado do Brasil sobre o numero das praças da guarnição que nunca eram as 50 marcadas pelas Provisões Regias, e sobre os soldos que ficavam por pagar-se-lhe e aos soldados por 3 e mais annos, o que obrigava a muitos a desertarem chegando tão lamentavel estado de cousas ao ponto do vedor da fazenda Luiz da Silva impor ao Provedor de Pernambuco medidas urgentes neste sentido, medidas que, aliás, se protrahiram tanto que foi preciso mandar do presidio á Bahia e depois ao Reino o alferes Jeronymo da Veiga a expor o aperto em que

estavam e a procurar o soccorro de que careciam; os esforços que empregou para desligar o Ceará do governo do Maranhão e unil-o ao do Brasil; os auxilios que prestou a frei Christovam Severim e á sua comitiva.

Frei Christovam Severim ou de Lisboa esteve por duas vezes no Ceará.

Na expedição em que veio Francisco Coelho de Carvalho, nomeado para inaugurar o Governo do novo Estado do Maranhão, expedição sahida de Lisboa a 25 de Março de 1624 ao mesmo tempo que as naus da India, embarcou-se tambem o futuro Bispo de Angola trazendo comsigo alguns religiosos da Provincia de S. Antonio. Chegados a Pernambuco, ahi ficou Coelho de Carvalho, mas frei Christovam e os companheiros, aos quaes se haviam ajuntado outros da Custodia do Brasil, se foram ao seu destino. Chegaram ao Mocuripe a 18 de Julho e foram recebidos por Martim Soares, que os deteve na povoação por 15 dias.

Partiu frei Christovam, depois de deixar dous dos religiosos a pedido do capitão-mór, e aportou ao Maranhão a 5 do mez seguinte.

Em 1626 teve logar sua 2.ª visita.

Sahiu elle do Maranhão a 18 de Maio. A viagem foi penosa, cheia de fomes e sedes e fertil de assaltos dos tapuias, que foi preciso repellir até que a 20 de Junho acolhia-o de novo o Ceará.

A 13 de Julho, cessando os motivos que detinham em Pernambuco o governador Francisco Coelho de Carvalho, partiu elle a assumir a administração do Estado do Maranhão e depois de uma viagem de 15 dias teve de encontrar-se com frei Christovam no Ceará.

O governador proveu ao forte de polvora e artilheria, fez o pagamento aos soldados, visitou a aldeia do principal Algodão e a Martim Soares entregou o Habito de Sant'Iago de que El-Rei lhe fizera mercê.

Referindo-se a essa remuneração regia escreveu frei Vicente do Salvador na sua Hist. do Bras. Cap. 47, L.º 5.º

«Ao Capitão Martim Soares Moreno o governador lançou o habito de Santo Iago de que ElRei lhe fez mercê por seus serviços, que não forão poucos os que lhe fez, não só no descobrimento do Maranhão, mas depois de estar por Capitão do Ceará, onde os corsarios o temem tanto que havendo ali aportado algumas vezes nenhuma se atreverão a desembarcar, desejando-o elle tanto que chegou a metter-se entre os Indios nus nu e tinto da sua côr, parecendo-lhe que como estes forão seus compadres e amigos, não se temendo delles, desembarcarião, e assim os colheria e nem isto bastou. Feito foi este de subrogação, pois parece não obrigar seu officio a tanto, e assim foi bem empregada a mercê, que Sua Magestade lhe fez do habito, e se lhe deo com elle pouca tença, por isso lhe dá Deus muito ambar por aquella praia com que pode muito bem matar la hambre.»

O cargo de governador do Maranhão fora offerecido a Diogo de Carcamo, fidalgo Cordovez naturalisado, e a D. Francisco de Moura primeiro que a Coelho de Carvalho, mas um e outro o recusaram allegando desculpas.

A Coelho de Carvalho succedeu Luiz de Magalhães, fidalgo da Casa Real e Commendador de Santiago de Ganha, empossado em S. Luiz a 17 de Fevereiro de 1649.

A ideia da união do Ceará ao governo do Brasil applaudida por Estevam de Albergaria e por que se bateu Martim Soares desde 1626 chegando até a affirmar que houve dolo no procedimento de Francisco de Carvalho quando ás mais capitanias de sua administração ajuntou a do Ceará, teve execução praticamente só em 1656 e isso mesmo sem ser por provisão ou decreto regio especial, mas pelo facto de impossibilitado o Maranhão de fornecer-lhe os supprimentos e auxilios de que carecia haver passado esse encargo ao governo de Pernambuco a requisição de André Vidal de Negreiros.

Pode-se, portanto, datar de Julho de 1656 a separação do Ceará do governo do Maranhão. Um facto obrigado pelas circumstancias ficou sendo acceito indefinidamente como si fôra determinado por lei expressa da Corôa.

Sobre o assumpto leam-se as minhas *Datas e factos para a historia do Ceará*, 1.º vol. annos 1656 e 1659

Quiz tambem Martim Soares terçar armas com os Hollandezes, que estavam senhores de Pernambuco, como muitos outros seus patricios e naturaes do paiz.

Seu patriotismo ia agora exercitar-se em outras paragens.

Foi isso em 1631.

Andava accesa a lucta contra os Hollandezes, que, inflammados de odio á Hespanha e pelo aguilhão da cubiça, levavam no bojo dos seus navios não a paz ou a guerra como nas dobras do seu manto o soldado Romano, mas tão somente a guerra ás colonias indefezas.

O polo da attenção dos aventureiros e negociantes batavos se deslocara da Europa para incidir na America Hespanhola.

O instincto do commercio, alliado ao desejo das represalias contra o paiz que lhes esmagava a independencia e a liberdade religiosa e afinal se confessara vencido, outhorgando-lhes uma e outra cousa depois de 70 annos de lucta titanica, emprestava á Hollanda homens e cabedaes para invadir as terras do Brasil, de cujas riquezas naturaes se diziam maravilhas e que podiam bem remunerar quaesquer emprehendimentos por avultados e arriscados que fossem.

No pavilhão Hollandez se escrevia o motto-livre commercio—mas as despezas em sangue e oiro feitas para a repulsa dos invasores, sempre bravos marinheiros mas nunca uma nação colonisadora, iam recahir sobre os habitantes das capitanias Brasileiras forçados a combater até contra as ordens d'El-Rei para defender os possuidos, a religião e a terra do berço.

A Companhia das Indias Occidentaes, pejando os

mares de suas esquadras, enviara seus melhores navios á Bahia (1624), que veio a succumbir apoz fraca resistencia, mas em breve tremulavam nas ameias da cidade os pavilhões de Portugal e de Hespanha e os invasores, vencidos e humilhados, voltavam á Europa. Cinco annos depois transportava-se a Pernambuco o espectaculo dos mesmos assaltos, correrias e horrores; ahi então a lucta protrahiu-se por lustros, a resistencia foi mais duradoura, mais significativa e mais tenaz contra a persistencia, o poderio e a tactica das repetidas levas das legiões assaltantes.

E' o campo de acção de Mathias de Albuquerque, de Fernandes Vieira, o Castrioto Lusitano, de Vidal de Negreiros, o rival do heroico Madeirense, do indio Camarão, do negro Henrique Dias.

E' o ensejo para as façanhas guerreiras, os gigantescos emprehendimentos, as installações scientificas do Principe Mauricio.

E' o periodo das celebres guerrilhas, das memoraveis retiradas, como essa em direcção á Bahia, em que tão alto se ergueram o amor ao torrão natal e a fidelidade á fé religiosa.

E' a victoria do patriotismo, heroico até o sacrificio, illuminada aos clarões dos Guararapes e das Tabocas.

E' o episodio mais bello de toda a historia do Brasil colonial.

Até lá levou tambem o concurso generoso de sua espada e o contingente de seus conselhos de cabo experimentado o fundador e capitão-mór do Ceará.

Eis o que ao autor das *Memorias Diarias da guerra do Brasil* mereceu essa resolução:

«Nos principios de Junho chegou ao Real, com soccorro do Ceará, o capitão Martim Soares Moreno, do habito de Santiago (depois mestre-de-campo) que foi o primeiro que por el-rei esteve naquella fraca praça; e por sua ordem vinha agora servir na guerra de Pernambuco, trazendo alguns indios e poucos soldados.

A guarnição que Martim Soares tinha era de 40 soldados, dos quaes a maior parte ficou com seu sobrinho Domingos da Veiga Cabral, a cujo cargo ficava aquelle posto, conforme a ordem de El-rei de que o mesmo sobrinho foi portador. Não só era o tio homem de valor, mas de grande utilidade por ser optimo interprete dos indios; e por isso o general aproveitou-o sempre nos dous predicados.

Logo que chegou, aggregando-se lhe mais alguma gente, tomou o porto que chamão de Nossa Senhora da Victoria, ao pé do rio Capiberibe, pela parte que divide a ilha de Santo Antonio, e em frente de dous dos quatro reductos que nella havia levantado o inimigo.»

A 29 de Agosto do dito anno (1631) Martim Soares se assignalava por um bello feito de armas, assim descripto pelo já citado auctor das *Memorias Diarias*:

«Em 29 foi o capitão Martim Soares encarregado de com a gente de seu quartel, e particularmente com os Indios que trouxe do Ceará, acommetter um dos quatro reductos, que o inimigo havia feito na ilha de Santo Antonio. Passou Martim Soares, e investio um com tanta bizarria que entrando-o degolou 12 e trouxe prisioneiro o sargento, que o guardava com mais 40 homens; os outros o desampararão aterrorisados de ver os indios, cujo aspecto nos primeiros annos lhes era terrivel; e estes do Ceará, por menos domesticos e trataveis, mais servião para este effeito que para outro qualquer.»

D'ahi em diante a sorte das armas, as exigencias da campanha, a obediencia ás determinações superiores conduziram Martim Soares a logares diversos, a differentes Capitanias e fizeram-no testemunha ou figura saliente em muitos dos acontecimentos, que se desenrolarão na guerra Hollandeza.

E para que sellasse com o sangue os feitos a que o dever e a fama o obrigavam foi ferido em varios encontros, como por exemplo quando o inimigo, guiado pelo mestiço Domingos Calabar, assaltou o Arraial a

27 de Março de 1633, morrendo-lhe então o chefe Lourenço Rembach.

Ao assalto e derrota dos Hollandezes em Quinta Feira Santa (27 de Março de 1633) referem-se Cartas Regias de 24 de Junho e 21 de Julho endereçadas ao Secretario de Estado Felippe de Mesquita e ao Conde de Basto, vice Rei. Estão publicadas, tambem este anno, em appendice ás minhas notas á *Historia Portugueza e de outras Provincias do Occidente*, etc., por Manoel Severim de Faria.

Depois de haver se demorado em Pernambuco por longo tempo occupado na faina de continuos assaltos, combates e investidas, entre os quaes o de 1 de Março de 1634 contra a praça do Recife, onde obrou prodigios de valor revelando-se o mesmo homem de Cunhaú, de Mossurepe e do forte de Nazareth, Martim Soares passou a operar na Parahyba com outros chefes Portuguezes e Hespanhoes.

Uma tentativa dos Hollandezes contra a Parahyba em 1634 lograra pleno successo. O almirante Lichthardt, Schkoppe e Artichofsky levaram de vencida as poucas tropas do capitão-mór Antonio de Albuquerque; os fortes da Restinga, Cabedello e Santo Antonio emmudeceram seus fogos e foram entrados do inimigo, de nada aproveitando os actos de memoravel heroicidade com que a fama recolheu os nomes dos dois Peres Calhao e não valendo as perdas gloriosas de Mattos Cardoso e Peres de Souto, mortos no campo da honra, em quanto os traidores Bento do Rego e Duarte Gomes da Silveira se bandeavam para o inimigo e iam servil-os como conselheiros e agentes secretos.

Estava perdido para os independentes mais aquelle grande trecho da patria; só restava a Antonio de Albuquerque, Banholo e Martim Soares retirarem-se a Pernambuco, levando a Mathias de Albuquerque a nova do irreparavel desastre.

E' nessas difficeis conjuncturas que a chronica re-

gistra a traição e a apostasia do jesuita Manoel de Moraes. Sahido de Pernambuco com seus indios a proteger a Parahyba, encontrara-se com os Hollandezes victoriosos e para elles se bandeara. Esquecera a patria, seu Deus e a Ordem benemerita a que pertencia e a que nunca manchara tamanho vilipendio.

Escriptores ha que vão affirmar que fôra intimo amigo e o catechista de Felippe Camarão. Não creio que tal discipulo viesse de tal mestre.

Esse padre, que fôra por muitos annos empregado nas missões entre os indios, sendo até parocho de uma aldeia delles em Pernambuco, entregou-se em 1635 na Parahyba ao major Picard. E' desse tempo a noticia que fez das aldeias dos indios existentes nas diversas capitanias sujeitas ao dominio Hollandez, noticia que vem consignada nos *Annaes* de de Laet dos quaes por sua vez se aproveitou Robert Southey na sua *Historia*.

Um Calabar de batina esse Paulopolitano, que falleceu em Lisboa em 1651. «Verdade, é diz o Conde de Basto, que o seu anterior procedimento nunca teve aquella dignidade propria dos padres jesuitas, nem elles o desconheciam, pois algumas vezes o chamavam, e, como não obedecia, tiraram-lhe o companheiro, deixando-o só quiçá como expulso e incapaz de sua religião.»

Era um padre illustrado e grande conhecedor da lingua indigena, segundo confessa o P.e Cordara, e o prova a *Historia rerum naturalis Brasiliæ* de Marcgraff, mas sem espirito algum de religião e de nenhuma virtude. Não admira, portanto, que atraiçoasse a patria e fosse transfuga da fé.

Sacramento Blake no seu Dicc. Bibliographico faz de um só dois Manoel de Moraes: um que esteve em Pernambuco durante o dominio hollandez em quanto o outro se achava em Amsterdam ou nas masmorras do Santo Officio.

E' engano de Innocencio Brasileiro. Não são dois homens, mas em circumstancias diversas um só e mesmo individuo.

Diz-se que Manoel de Moraes escreveu umas *Memorias historicas sobre Portugal e o Brasil* que foram publicadas em Amsterdam, e uma *Historia da Asvenida* da qual muito se aproveitou João de Laet para o seu *Novus orbis* e para sua *Historia da India Occidental*.

Da primeira, não se conhece exemplar algum e a segunda, affirmam todos, jamais foi entregue ao prélo.

Trechos do seu processo demonstram que se elle não escreveu as taes Memorias Historicas deixou, sem que duvida faça, a narrativa das nossas luctas com os Hollandezes na Capitania de Pernambuco e suas annexas.

No Archivo da Companhia das Indias Occidentaes, Hollanda, entre os Notulos ou Resoluções da Camara de Amsterdam ha um, o de 10 de Novembro de 1638, referindo-se a pedidos de dinheiro por Manoel de Moraes.

Vê-se desse documento que realmente o ex-jesuita contrahira nupcias e compuzera um *Diccionario Brasiliense com historia*.

Taes obscuridades, como muitas outras, que circumdam a vida de Manoel de Moraes, estarão sem duvida elucidadas no livro em que trabalhava ha tempos esse grande espirito que se chamou Eduardo Prado, a que a morte roubou á patria Brasileira, tão carente de talentos e de bons patriotas como elle soube e mostrou-se-o até o fim.

Uns, como Galanti, ensinam que Manoel de Moraes, depois de celebrar nupcias sacrilegas, voltara ao Brasil em qualidade de ministro protestante e mais tarde se converteu; outros, como Sacramento Blake, que saudades da patria o levaram a voltar ao Brasil, mas em sua passagem por Portugal foi preso e encarcerado pela Inquisição de cujas garras se escapou depois de se mostrar arrependido e de abjurar, mas não chegou a ver a patria de novo, por haver morrido. Pensa-se ainda

[illegible] que elle não voltou mais ao Brasil. Outros [illegible] no martyr da fogueira.

[illegible] de Moraes não padeceu morte natural em virtude da sentença do Tribunal. O proprio Innocencio da [illegible] affirmou ao seu Diccionario Bibl., depois mudou de [illegible] e confessou seu engano em carta escripta a Candido Mendes. «O processo do dito P.e (que ainda não [illegible] o andamento) diz o illustre bibliographo, [illegible] e existe ainda inteiro no archivo [illegible] da Torre do Tombo. Delle consta, segundo [illegible] que Manoel de Moraes não só não foi executado, [illegible] foi solto por ordem da Inquisição, em 10 de Março de 1648, com permissão e licença para sahir do Reino.» E eu accrescento: Depois de cumprir a sentença foi autorisado a 10 de Março de 1648 a retirar-se para qualquer Reino comtanto que fosse de catholicos.

Sobre o ex-jesuita escreveu Pereira da Silva um livro com o titulo *Manoel de Moraes*, romance, e delle tratou o *Castricto Lusitano*, de Raphael de Jesus, o *Lusitano Leodiense*, de fr. Manoel Calado, a *Bibliotheca Lusitana*, de Barbosa Machado e a *Bibliotheca Historica de Portugal*, de Pinto de Sousa.

Subindo eu que nesse precioso e inexgottavel repositorio de noticias e informações que se chama Torre do Tombo, Lisboa, existia o processo de Manoel de Moraes pelo Tribunal do Santo Officio e que alguma cousa desse processo dizia respeito a Martim Soares, dei-me pressa em obter a copia da parte delle nesse ponto tão interessante aos que procuram esclarecer-se sobre a vida do fundador do Ceará.

Eis a copia da ipsis litteris:

[illegible] — Tratei logo de me vir apresentar a este santo tribunal com beneplacito de huns mestres de Christo que governavão. E por que o terceiro que he Martim Soares moreno estava [illegible] mandou

prender por paixões suas particulares e prezo me mandou remeter a este sancto tribunal pelo auditor.

Fl. 42—O mestre de Campo martim Soares moreno na Caravella em que veio francisco de Berengel, que partio de Nazaret hum dia antes de nos mandou hum valente negro destes a hum sobrinho seu, clerigo que tem nesta cidade.

Fl. 68—e neste tempo o mandou prender o mestre de Campo martim soares Moreno conforme elle confitente entende por lhe parecer que vindo elle confitente a esta corte solto e tendo occasião de falar a Sua Magestade o informaria de algumas cousas tocantes ao procedimento do ditto Martim Soares Moreno, tomando por pretexto da prizão delle confitente segundo lhe disse o Ajudante que o prendeo que elle confitente auia escripto huma relação dos successos daquellas armas em a qual não falara na pessoa do ditto Martim Soares louuando muito os outros cabos da guerra E tratando estes de fazer por a elle confitente em liberdade o dito Martim Soares o impedio tomando por fundamento que o Gouernador geral Antonio Telles tinha ordenado que elle confitente uiesse para este Reyno seguro o que o dito Martim Soares quiz entender por preso sendo assi que o ditto Gouernador na carta em que deu esta ordem segundo disserão a elle confitente os dittos mestres de campo João fernandes e André Vidal queria dizer que elle confitente uiesse certo de seu fauor e assi se presume porque a carta do ditto Gouernador que continha esta ordem respondia a outra dos dittos mestres de Campo em que lhe auião pedido embarcação para elle confitente uir a este Reyno appresentar-se ao Santo Officio e carta delle gouernador a fauor delle confitente e a esta instancia dos dittos mestres de campo respondeo que uiesse elle confitente e seguro que escreuia em seu fauor a Sua Magestade e não foi bastante o sobreditto pera o ditto Martim Soares por ser mais antigo deixar de mandar a elle confitente preso como ueo e foi entregue nesta inquisição.

Fl. 124—Provara que estando elle Reu antes que o catiuase o inimigo no engenho de Antonio de Valladares em companhia do gentio que elle Reu tinha retirado do Rio grande, lhe pedio Antonio de Albuquerque e Martim Soares Moreno que fosse buscar os Indios que estavam na Aldea de Gararaca para os ajuntar com o mais gentio em que elles fiquaram de guarda e indo elle Reu se ouueram tam mal em sua ausencia os sobreditos que dando nelles o inimigo lhe fugiram com os soldados sem se defenderem e o inimigo catiuou o gentio, e voltando elle Reu encontrou os sobreditos que hiam fugindo e lhe perguntou se fiquaria em saluo o gentio, e dizendo-lhe que si o Reu se foi adiante sem mais dilação, e não só achou o gentio tomado do inimigo, mas achou-se elle proprio cercado entre os inimigos, a quem se entregou por mais não poder, e o lemarão catiuo como dito tem, e os fugidos por encubrir sua couardia foram dizer falsamente a Mathias de Albuquerque que elle Reu se metera com o inimigo de que resultou a fama e rumor falso, que elle Reu se lançara com os inimigos, e tudo mais que delle Reu se dis.

Fl. 167.—Provará que em caso contra elle Reu tenham testemunhado Martim Soares Moreno, Antonio de Albuquerque, os Brandões e os mais com *digo* ambos Irmãos que por nome não perquam e os mais seus companheiros que com elles assistiam na Paraiba no engenho de Antonio de Valladares na Aldea de Ithapuá, quando fugiram ao inimigo deixando catiuo ao gentio quando elle Reu tinha ido condusir mais gentio a Aldea de Guararaca a Rogo e petição dos sobreditos Martim Soares e Antonio de Albuquerque que tinhão seruido de capitães, lhe não deuem prejudicar seus ditos.

. . . . . .

O processo tem o titulo:

Processo de Manoel de Moraes sacerdote theologo, natural da Villa de S. Paulo estado do Brazil, residente

que foi nas partes do norte, prazo aos carceres da Inquisição de Lisboa ed.º 4847.

Desse documento, que sou o primeiro a publicar, se vê que Martim Soares foi quem mandou prender o ex-padre e o remetteu por traidor ao Tribunal da Inquisição.

A lembrança de odios pessoaes de Martim Soares por motivo de não elogial-o em seus escriptos, explicação com que elle procura colorir o acto justo da prisão, é de uma infantilidade pasmosa. Ninguem deixará desacreditar que o reu se mettera com os inimigos, contra todos os accordes as testemunhas, para acceitar que, depois que os gentios que fôra buscar á aldeia de Jaraeca, lhe viera cercado e forçado a se entregar por mais não poder, e então foi levado captivo dos Hollandezes. Todos os factos subsequentes de sua vida em suas relações com a nação inimiga demonstram que *não erant fabulæ* a fama e o *rumor* de que elle reu abandonara a causa da patria e da religião, antes justificam o acto de Martim Soares.

Estavam os Hollandezes assenhoreados de Pernambuco. O luxo e a concupiscencia que roem o cerne das virtudes austeras, e o pouco apreço ás cousas da guerra tinham aberto porta á victoria dos cupidos flamengos. A fatalidade dos factos impunha á capitania o jugo estrangeiro.

Esse jugo, porem, fizera-se de ultimo insupportavel de soffrer. Os tratados mera lettra morta, esquecidas estavam as promessas com que os vencedores haviam procurado captar as sympathias e calar os justos ressentimentos dos vencidos, tudo era agora oppressões de todo genero, occasiões para attentados contra a religião, a fortuna e a honra dos pobres habitantes.

A reacção, naturalissima, tinha baixo a pennacho e depois escancarou as fauces; organisaram-se guerrilhas, recomeçou a lucta armada em pontos diversos.

Julgaram os oppressores de mais conveniencia fazer-se de victimas e recorrer ao valimento do governador e capitão general do Estado da Bahia, que então era

Antonio Telles da Silva, e emissarios partiram primeira e segunda vez para a Bahia a fazer queixas e a exigir reparações. Ahi os aguardava a surpresa da visita do mestre de campo André Vidal de Negreiros, do governador das armas Paulo da Cunha e de outros militares que suppunham entre os da sedição. Mal davam conta de si os embaixadores e ao governador do Estado chegavam cartas expondo as terriveis contingencias em que se viam os habitantes, verdadeiros captivos, orphãos de toda garantia; supplicavam-lhe soccorro como a irmãos, favor como a portuguezes; terminavam por affirmar-lhe que si lhes faltasse o auxilio de que careciam, correriam a impetral-o a principes estrangeiros.

Em tão apertadas conjuncturas, Antonio Telles convocou uma grande reunião dos homens mais eminentes na religião, lettras, armas e magistratura e lhes expoz o intrincado caso; discutiu-se; ouviram-se os pareceres do provedor mór da fazenda Sebastião do Britto e do ouvidor geral e procurador da Coroa Antonio da Silva e Sousa; decidiu-se afinal o conclave pelos hollandezes, *amigos e alliados*. E por que os sublevados poderiam recusar obedecer ás ordens e insinuações, hypothese a esperar, assentou-se que para Pernambuco seguissem doze companhias a cargo dos dois Mestres de Campo Martim Soares Moreno e André Vidal de Negreiros em embarcações de cuja capitania iam por cabo e capitão mor o Coronel Jeronymo Serrão de Paiva, por capitão do mar Salvador Thomé Mealhada e por mestre Pantaleão Thomé.

De tudo ficaram scientes os embaixadores, que se partiram contentes e agradecidos.

De parte a parte faziam-se milagres de hypocrisia e de disfarce. A mentira se puzera a serviço da politica de uns e outros. Aquellas runiões, aquelles discursos serviam tão somente para adormecer a vigilancia do adversario. Dos verdadeiros intuitos, e das medidas a tomar em favor da causa por que se empenhavam os

insurrectos iam bem inteirados os dois emissarios do governador e capitão general.

Essas ordens e conselhos para que os insurgentes depuzessem as armas, essas correspondencias cujo fito era ganhar tempo, disfarçavam os verdadeiros desejos e intimos votos do Rei e de Telles da Silva, que estavam com a revolução; d'ahi se poderá avaliar bem da importancia da missão a que vieram a Pernambuco os dois Mestres de Campo, missão que iniciou essa serie de feitos memoraveis, cujo epilogo foi a Capitulação do Taborda e a retirada para sempre dos Hollandezes do Brasil.

A essa commissão espinhosa commettida á habilidade e á prudencia de Martim Soares se referem Cartas de Antonio Telles da Silva aos Moradores de Pernambuco e aos membros do Supremo Conselho em data de 21 de Julho de 1645.

Martim Soares, porem, não teve a boa fortuna de assistir ao remate da lucta gloriosa, não estava ao lado de Francisco Barreto, Vidal de Negreiros, Fernandes Vieira e Henrique Dias no grande dia da patria; elle se retirará conduzindo troços de soldados nos quaes havia penetrado a indisciplina e para obedecer ás ordens de se recolher á Bahia.

Na hora das distribuições das recompensas e dos donativos regios, na hora das ruidosas ovações populares aos chefes victoriosos, não era acclamado seu nome.

Ou porque tivesse negocios na Côrte, como quer Galanti, ou porque as fadigas das guerras o trouxessem alquebrado, ou porque repugnasse ao seu caracter de soldado essa hypocrisia das auctoridades superiores que estavam a fomentar e a atiçar a reacção Pernambucana e ao mesmo tempo a renegal-a perante o inimigo e diante das Côrtes Europeas, o facto é que Martim Soares abandonou o campo de acção antes de finalisada a lucta.

A imparcialidade, virtude muito para se impor e

apreciar em assumptos de historia, reclama que eu diga que sua retirada da campanha Hollandeza em demanda da Bahia não pode merecer os elogios e os applausos dos Brasileiros maxime si se attender ao momento em que ella se deu.

Seu procedimento então, muito em desaccordo com o que teve Vidal de Negreiros, de quem disse Diogo Lopes de Santiago na sua *Historia da guerra de Pernambuco*, etc., que procedera *como filho da patria* (Brazil) *e zeloso do serviço de Deus*, pode demonstrar nelle qualidades de soldado obediente ás ordens do Governador do Estado, e d'El-Rei que pretendia conservar a amizade e paz com os Hollandezes embora a custa do exterminio dos seus vassalos d'America, mas não lhe foi ensejo para, como de outras vezes, se recommendar aos louvores e á gratidão dos patriotas.

O diverso procedimento dos tres chefes dos independentes descreve-o assim Faria e Castro:

«Se os bons effeitos que produziraõ no silencio dos Hollandezes as cartas de Henrique Dias pozeraõ em tranquillidade o animo de Vieira; elle novamente se perturba com a chegada ao campo de dois Jesuitas mandados com ordens apertadas do General Antonio Telles da Silva. Vinhaõ ellas concebidas nos precisos termos, de que sem demora os dois mestres de Campo André Vidal, e Martim Soares se recolhessem para a Bahia com os seus Terços. Martim Soares com o pretexto de doente sujeitou á observancia da ordem só a sua pessoa. Joaõ Fernandes, e André Vidal perturbaõ-se, naõ se suffocaõ; convencionaõ-se, e com a magnanimidade dos Heroes replicaõ á ordem, sabendo fazer bom uso dos apertos do tempo, da gloria da Naçaõ, do credito das armas, da afflicçaõ dos Patricios, da crueldade dos Hollandezes sobre elles.»

E' de 22 de Abril de 1648 a Carta Patente que lhe deu um substituto no posto de Mestre de Campo na pessoa de Nicolau Aranha Pacheco.

Sobre a data de seu fallecimento nada pude apu-

rar mas sei que entre os documentos de que se muniu João Fernandes Vieira para requerer a paga de seus grandes serviços nas luctas Hollandezas, ao que deu provimento o parecer do Conselho Ultramarino em Setembro de 1649, figuram certidões firmadas por Martim Soares Moreno.

Eis em rapidos traços a resenha biographica de Martim Soares Moreno.

Para comprovar a veracidade das informações que consegui ajuntar a seu respeito poderia aqui addicionar algumas dezenas de preciosos documentos de que disponho; sua publicação e entre elles figurará um mui interessante, a *Relação do Ceará*, ficará adiada para o proximo numero desta Revista.

A *Relação*, é, ao mesmo tempo que uma auto-biographia, a descripção do nosso torrão querido ainda nas faixas infantis.

Em cada uma de suas linhas pullulam dados preciosos para estudos comparativos e para o calculo do que vae do Ceará de 1618, anno em que Martim Soares traçou a *Relação*, ao actual Ceará.

Hoje que com festas merecidas se commemora o Tricentenario da vinda dos primeiros Portuguezes ao Ceará servirão estas despretenciosas linhas de preito á memoria do heroico soldado, a quem, como acertadamente escreveu José de Alencar na sua mimosa lenda IRACEMA, cabe o qualificativo de verdadeiro fundador do Ceará.

Essa commemoração será um estimulo á actual e ás futuras gerações. Essa longa e demorada vista retrospectiva documentará o amor dos Cearense á sua historia e tradições, traduzirá uma homenagem aos que primeiro descortinaram para a vida da civilisação esta terra, guarda ciosa dos thesouros de suas crenças, heroica nos soffrimentos, trabalhadora, avida de progressos, fadada a altos destinos.

Julho de 1903.

BARÃO DE STUDART.